

“Os Emigrantes” de Domingos Rebelo



Emigrantes, óleo s/ tela, 1926 (Col. Museu Carlos Machado).

Por entre a vasta obra legada pelo pintor micalense Domingos Rebelo os “Emigrantes” são um dos seus quadros mais conhecidos e emblemáticos. Dada a conhecer ao público, pela primeira vez, numa exposição realizada em novembro de 1926, na rua do Provedor, em Ponta Delgada, esta iconográfica pintura mereceu a atenção dos amantes das artes e da própria imprensa que exaltou a “poesia da saudade” nela imortalizada pelo mestre “amante do povo”. Neste mesmo ano, os “Emigrantes” e também o “Tríptico do Natal” foram adquiridos pelas Comissões Administrativas da Junta Geral e da Câmara Municipal, vindo a integrar, até hoje, o património do Museu Carlos Machado.

Os “Emigrantes”, que são parte da verdadeira obra regionalista de Domingos Rebelo, retratam um fenómeno secular e marcante da vivência e da história açorianas. Se, de fato, como refere Margarida Oliveira, uma grande parte das obras do pintor são trespassadas por uma síntese da cultura popular, de que exalta os símbolos e as tradições que permitem cimentar uma identidade, a simbologia presente nos “Emigrantes” consagra um autêntico retrato da alma micalense. Saliente-se o registo do Senhor Santo Cristo e a viola da terra. Além do enquadramento das figuras no cenário identificador da velha urbe de Ponta Delgada, o artista imortalizou o traje popular, a cesta de vimes carregada de laranjas, os baús de madeira e a saquinha de retalhos, consagrando elementos materiais de profundas raízes culturais. Procurando associar a tristeza da despedida com a esperança do regresso, a presença do mar tranquilo, que une e separa

e que é, nas palavras de Gabriela Castro, o “símbolo cósmico representante de termo e de início”, pode também configurar o caminho do sonho e o fim de uma existência penosa e difícil.

A imortalidade desta tela levou Tomaz Borba Vieira, em 1987, a pintar uma variação desta temática, no tempo, que intitulou “Os Regressantes”, e inspirou Urbano que, em 2006, expôs no Museu Carlos Machado a tela designada como “Os Naufragantes”.

Não obstante a relevância dos “Emigrantes”, Domingos Rebelo deixou muitas e significativas pinturas que são indissociáveis do património cultural e artístico dos Açores e do país. Por entre aguarelas sobre papel e óleo sobre telas, o mestre micalense cultivou a caricatura, a pintura etnográfica, o paisagismo e o retrato.

Indiferente aos movimentos modernistas do seu tempo, que não o influenciaram mesmo aquando da sua estada em Paris, onde estudou na “arcaizante” Academia Julien, Domingos Rebelo manteve o gosto por um académico naturalismo. Em 1922 foi apelidado de “Millet açoriano”, numa elogiosa comparação com o pintor naturalista francês, da Escola de Barbizon. Todavia, a distância temporal entre os dois era superior a meio século e, se para uns, isto era um defeito que simbolizava a cristalização do pintor micalense, para outros era uma virtude que representava a grande originalidade do mestre. Como um dia afirmou Armando Côrtes-Rodrigues, Rebelo e a sua obra eram alheios “*a correntes da moda (...), ao gosto da França, no desvairamento que a arte assumiu naqueles meios cosmopolitas*”. O pintor foi igual a si próprio. Um con-



Auto-retrato, óleo s/ tela, 1923 (Col. Particular).



Viático, óleo s/ tela, 1919 (Col. Museu Carlos Machado).



Artur Viçoso May, óleo s/ tela, 1925 (Col. Museu Carlos Machado).

servador, é certo, mas um autêntico regionalista dedicado aos costumes e às temáticas de matriz açoriana. Em 1923, num verdadeiro auto-retrato psicológico e artístico, o próprio Domingos Rebelo se definiu: “*depois de tantas hesitações cheguei à conclusão de que o meu temperamento era realista e que a minha obra tem de ser feita aqui, regionalista, sentida com a máxima justeza*” (carta a Cortes-Rodrigues, 14.XII.1923).

Por conseguinte, é lícito afirmar que o pintor dos “Emigrantes” se insere no amplo movimento regionalista que se fez sen-

Domingos Rebelo

Nasceu em Ponta Delgada a 3 de dezembro de 1891. Desde muito novo manifestou inclinação para o desenho e a pintura. Com 15 anos, depois de frequentar a Escola de Artes e Ofícios Velho Cabral, onde foi aluno do pintor Viçoso May, os Condes de Albuquerque vieram a patrocinar os seus estudos em Paris. Em 1913 regressou a Ponta Delgada onde se fixou e dedicou à docência. Participou, com regularidade, nas Exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, alcançando diversos prémios. Em 1920 recebeu uma medalha de prata numa exposição no Rio de Janeiro e em 1939 participou na Exposição Internacional de S. Francisco, Califórnia. Em 1942 estabeleceu-se definitivamente em Lisboa. Tornou-se membro da Sociedade Nacional de Belas Artes, chegando a ser diretor. Faleceu em Lisboa no dia 11 de janeiro de 1975. ♦

tir nas ilhas, nas primeiras décadas do séc. XX, e se traduziu na defesa e afirmação da cultura e da identidade açorianas. O mesmo movimento que fez emergir o conceito de *açorianidade*, analisado por Luís da Silva Ribeiro e, mais tarde, consagrado por Vitorino Nemésio.

Por outro lado, as origens e a educação recebida na infância, baseada nos valores tradicionais de valorização da família e apego à religião, perpetuaram-se na vida de Domingos Rebelo que, com maior ou menor virtuosismo técnico, os soube consagrar nas suas telas de inestimável valor histórico e etnográfico. Mesmo radicado em Lisboa, ele continuou a ser a ilha onde nasceu e onde o seu espírito e sentido estético teimavam em permanecer. Em suma, e de acordo com Nestor de Sousa, no conjunto da sua vasta e variada obra, o pintor integra o programa naturalista que, afinal, foi dominante na pintura portuguesa, durante largo tempo. Ao longo da sua carreira criou uma imagética regionalista, autêntica, genuína, propícia a uma análise sociológica e também estética, em grande parte, ainda por fazer. ♦

SUSANA SERPA SILVA
UNIV. DOS AÇORES
susanasilva@uac.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura